

UTOPIAS PIRATAS

Os navios de piratas e corsários do século XVIII criaram uma “rede de informação” que cobriu o globo: primitiva e dedicada essencialmente ao saque, a rede, no entanto, funcionava admiravelmente. Espalhadas por toda a rede havia ilhas, remotos esconderijos onde os navios podiam se abastecer de água e provisões, e os butins trocados por luxos e artigos de primeira necessidade. Algumas dessas ilhas constituíam “comunidades intencionais”, minissociedades inteiras vivendo conscientemente fora da lei e determinadas a continuar assim, mesmo que apenas durante uma vida curta mas alegre.

Alguns anos atrás pesquisei um bocado de literatura sobre pirataria na esperança de encontrar algum estudo sobre esses enclaves – mas aparentemente nenhum historiador ainda os considerou dignos de análise. (William Burroughs mencionou o tema, assim como o falecido anarquista inglês Larry Law¹ – mas nenhuma pesquisa sistemática foi feita.) Recorri às fontes primárias e construí minha própria teoria, da qual alguns aspectos serão discutidos neste ensaio. Chamei esses territórios de “Utopias Piratas”².

Recentemente, Bruce Sterling, um dos principais expoentes da ficção científica ciberpunk, publicou um romance passado em um futuro próximo, baseado na suposição de que a decadência dos sistemas políticos levará à proliferação descentralizada de experimentos de vida: gigantescas corporações de propriedade coletiva dos trabalhadores, enclaves independentes dedicados à “pirataria de dados”, enclaves ecológico-social-democratas, enclaves de Zerowork, zonas liberadas anarquistas etc. A economia da informação que sustenta essa diversidade é chamada de *Rede*; os enclaves (e o título do livro) são *Ilhas na Rede*³.

Os “Assassinos”⁴ medievais fundaram um “Estado” que consistia em uma rede de castelos em remotos vales de montanhas,

¹ O editor e escritor anarquista Larry Law publicou um pequeno livro, *A True Historie & Account of the Pyrate Captain Misson, his crew & their Colony of Libertatia founded on Peoples Rights & Liberty on the Island of Madagascar*, sobre uma suposta colônia libertária de piratas na costa africana fundada pelo capitão francês James Misson, que também é personagem de um livro de William Burroughs: *Cities of the Red Night* (1981), publicado no Brasil em 1995, pela editora Siciliano, com o nome *Cidades da Noite Escarlate*.

² Posteriormente, Peter Lamborn Wilson escreveu um livro sobre o tema: *Pirate Utopias: Moorish Corsairs and European Renegades* (1995), publicado no Brasil em 2001, pela Conrad, com o nome *Utopias Piratas – Mouros, Hereges e Renegados*.

³ *Islands in the Net*. No Brasil, o livro foi publicado pela editora Aleph, em 1990, com o nome *Piratas de Dados*.

⁴ A Ordem dos Assassinos é como ficou conhecida a seita islâmica Nizari Ismailis, fundada no Irã por Hassan-i Sabbah no final do século XI. A tradição diz que o nome viria do termo persa “hashâshin” (“fumador de haxixe”), mas esta seria uma versão veiculada pelos inimigos dos Nizaris. Na verdade, Sabbah chamava seus discípulos de Assasiyun, “povo que é fiel aos princípios (‘Assass’)” da fé. Seja como for, deu origem ao termo “assassino” tal como conhecido no Ocidente.

separados por milhares de quilômetros, estrategicamente invulneráveis às invasões, conectados pelo fluxo de informações de agentes secretos, em guerra com todos os governos, e dedicados apenas ao conhecimento. A tecnologia moderna, culminando na espionagem por satélite, tornou esse tipo de *autonomia* um sonho romântico. Não existem mais ilhas de piratas! No futuro, a mesma tecnologia – livre de todo controle político – poderia tornar possível um mundo inteiro de *zonas autônomas*. Mas por ora o conceito permanece justamente uma ficção científica – pura especulação.

Será que nós que vivemos no presente estaremos condenados a nunca experimentar a autonomia, a jamais ficar um momento sobre um pedaço de terra regido apenas pela liberdade? Estaremos ou reduzidos à nostalgia pelo passado ou à nostalgia do futuro? Será que devemos esperar até que o mundo inteiro esteja livre do controle político antes que um único de nós possa dizer que conhece a liberdade? Lógica e emoção se unem para condenar tal suposição. A razão exige que não se possa lutar por algo que não se conheça; e o coração se revolta com um universo tão cruel ao ponto de concentrar tal injustiça em nossa geração da humanidade.

Dizer que “eu não serei livre enquanto todos os seres humanos (ou todas as criaturas sensíveis) não estiverem livres” é simplesmente ceder a uma espécie de estupor-nirvana, é abdicar da nossa humanidade, é definir a nós mesmos como derrotados.

Acredito que fazendo extrações a partir de histórias do passado e do futuro sobre “ilhas na rede” possamos reunir evidências que sugiram que um certo tipo de “enclave livre” é não só possível em nosso tempo como também já existente. Todas as minhas pesquisas e especulações se cristalizaram em torno do conceito de ZONA AUTÔNOMA TEMPORÁRIA (doravante abreviada como TAZ⁵). Apesar de sua força sintetizadora para o meu próprio pensamento, no entanto, não pretendo que TAZ seja considerado

5 A partir do termo em inglês: Temporary Autonomous Zone.

como algo mais que um ensaio (“tentativa”), uma sugestão, quase uma fantasia poética. Apesar do entusiasmo ranterista⁶ da minha prosa, não estou tentando construir um dogma político. Na verdade, deliberadamente evitei definir TAZ – dou voltas no assunto, disparando alguns raios exploratórios. No final, TAZ é quase auto-explicativa. Se a expressão se tornar corrente, será compreendida sem explicativa... compreendida em ação.

⁶ Os Ranters (“faladores”, “proselitistas”) formaram uma das tantas seitas heréticas que surgiram na Inglaterra no século XVII. Defendiam o panteísmo e negavam a autoridade da Igreja e das Escrituras. Foram acusados de fanatismo e imoralidade sexual.